

Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCHS

LETRAS
2017
ENADE

**Caderno
de Ações**

Belém, PA
2017

Núcleo Docente Estruturante do Curso de Letras

Prof^a Veridiana Valente Pinheiro Castro

Coordenadora

MEMBROS

Prof. José Guilherme Castro de Almeida

Prof^a Lucilinda Teixeira de Oliveira

Prof^a Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva

Prof. Paulo Jorge Martins Nunes

Prof^a Maríá Ermelinda Báez Mateus

***A*presentação**

Caro aluno,

As apresentações que compõem este ‘Caderno de Ações ENADE 2017’ são relativas às palestras, oficinas e aulas que o Núcleo Docente Estruturante - NDE do Curso de Letras promoveu sob a denominação **Ações Enade**, no mês de outubro/2017, tendo como objetivo ajudá-lo a revisar os conteúdos que Você estudou ao longo dos anos de graduação, a fim de que no próximo dia 26 de novembro de 2017 possa realizar uma excelente prova.

Organizamos as apresentações no formato Caderno para que Você possa consultar esse rico material a qualquer momento, muito além do exame ENADE.

Boa leitura!

Prof. Dr. Ednalvo Campos



**Aspectos Distintivos, Linguísticos e
Extralinguísticos do Português do Brasil**

1. Primeiras questões: os aspectos extralinguísticos

- A compreensão do termo Português Brasileiro – longe de estar restrito à esfera da estrutura linguística, traz à tona questões extralinguísticas que perpassam por fatores ideológicos, culturais, identitários, diplomáticos, históricos, políticos etc.
- A escolha (ou determinação) da variedade de uma língua – norma padrão – a ser difundida pelas instituições como escola e imprensa a certa comunidade linguística relaciona-se mais aos aspectos extralinguísticos do que aos linguísticos, propriamente.
- Português Brasileiro, Português Europeu (ou Português de Portugal), Português Angolano, Português Moçambicano, Português Caboverdiano, além de se distinguirem em termos de estrutura morfosintática, fonética e lexical, são variedades de português utilizadas por comunidades linguísticas não apenas distantes, mas separadas geograficamente por um espaço físico considerável. Acrescente-se a isso as diferenças de constituição territorial e nacional existentes nesses países.
- Sabendo-se isso, seria possível dizer que a confluência desses fatores é suficiente para a determinação de línguas distintas?
- De que maneira essa determinação influencia o ensino de Língua Portuguesa no Brasil?

2. Brasil, um país polarizado linguisticamente

- A Língua Portuguesa que chega ao Brasil a partir do século XVI, juntamente com as línguas ameríndias e africanas, bem como todas as misturas resultantes desse processo de coexistência linguística e étnica, resulta no surgimento do **Português Brasileiro**.
- **Mas o SN PB é suficiente para tomá-lo como representante da fala dos brasileiros?** A expressão do português brasileiro apresenta um viés dicotômico existente entre suas variedades: a literatura sociolinguística brasileira concebe o PB sob um forte fenômeno de **diglossia**.
- **Sobre diglossia:** (FERGUSON, 1974) baseia-se no termo francês diglossie, para designar certa situação linguística em que duas

variantes de uma língua coexistem numa mesma comunidade, cada uma desempenhando um papel definido em que uma das variedades tem uso predominantemente oral em contextos familiar e informal, enquanto a outra caracteriza-se pela aprendizagem formal e uso literário. Por trás do termo diglossia há a aceção de que uma variedade de língua é superior à(s) outra(s), emergindo normalmente situações de conflito. Estudos mais recentes têm ampliado o conceito de diglossia face aos de multilinguismo ou plurilinguismo.

- Os fenômenos de variação e mudança que têm afetado o português falado no Brasil ao longo de sua história também são denominados de “**polarização sociolinguística do Brasil**” (LUCCHESI, 2008, 2009).
- Quer sobre a abordagem de diglossia, quer de polarização sociolinguística, há nesse fenômeno uma relação assimétrica e conflituosa, estabelecida entre a variedade dominante e a(s) dominada(s).
- Nesse ambiente estão descritas a complexidade e a diversidade de cenários linguísticos que compõem o processo de colonização do Brasil a partir do século XVI, cuja “polarização” da língua ocorre face à divisão linguística do país entre uma **variedade culta**, historicamente falada pela elite, e o **português alterado falado por negros, índios e mestiços**.
- John Holm (2009) linguista inglês e estudioso das línguas crioulas do atlântico faz uma reflexão sobre a múltiplas faces do português falado no Brasil:
“Os brasileiros escolarizados são comparáveis aos americanos negros escolarizados (African Americans) que usam uma norma padrão na escrita e na fala em situações formais, mas frequentemente usam a norma não-padrão em outras situações para marcar intimidade ou solidariedade [...]. E não é claro qual variedade usada é a primeira língua ou a língua dominante do falante. [...]”
(HOLM, 2009, p. 101)
- Esses fatores sociolinguísticos da realidade brasileira dicotomizam a língua portuguesa falada no país em duas vertentes: de um lado o português brasileiro falado, aproximado do standard escri-

to (PB) e de, outro, o português popular ou vernacular (PVB) em suas múltiplas faces.

- A discussão acerca das características de distinguem as variedades de português não estão restritas a uma única esfera linguística (fonética/fonologia, léxico, morfologia, sintaxe ou semântica e pragmática), mas envolve, sobretudo, aspectos extralinguísticos.
- **PERGUNTA:**
- A consolidação e extensão do termo PB como representativo da fala dos brasileiros (em oposição aos portugueses) pode, de fato, representar da escrita e da fala dos brasileiros?
Voltaremos a essa questão mais adiante!

3. Aspectos norteadores do PB: a sociohistória

- as primeiras variações ocorridas na língua portuguesa falada no Brasil ocorreram, provavelmente, na **oralidade** em comparação ao que se falava em Portugal e remonta ao início da colonização com as primeiras gerações de brasileiros filhos dos ‘colonos’ portugueses, em contato com os indígenas ‘domesticados’, acentuada com o início do tráfico negro, anos mais tarde.
- Na escrita, a percepção das marcas do português do Brasil não ocorreu no início da colonização, pois é somente a partir do século XVIII que as ‘cores tropicais’ começam a ser impressas. Antes disso, porém, os letrados locais (religiosos, alguns comerciantes etc.) seguiam a sintaxe lusitana.
- Além do mais, a atividade tipográfica não era permitida na colônia (cf. Noll, 2008, p. 167). As colônias portuguesas na América, aliás, eram duas: a colônia do Brasil e a colônia do Grão-Pará e Maranhão, pois consistiam em administrações distintas (cf. Gomes, 1997).
- Teyssier (2004 [2001], p. 96) faz alusão ao **teatro português do século XVIII e início do século XIX** como um exemplo para a identificação de aspectos do português brasileiro, em que algumas peças caracterizam na oralidade os personagens brasileiros por meio do **discurso direto**, do **uso dos pronomes de tratamento**, de alguns **termos pejorativos** e de **provérbios e ditos popu-**

lares com traços fonéticos, sintáticos e também quanto ao uso de formas de tratamento que marcavam a fala dessas personagens, como: ***mi diga, di lá, sinhorzinho***.

- O **Movimento Arcadista Brasileiro** - introduz ‘aspectos de brasilidade’ na literatura, perpassando tanto pelo imaginário, com um novo elemento de emoção, com o “nativismo comovido” e “patriotismo particular” e também a retratação de uma nova temática por meio da gente e da natureza americana; quanto pela própria língua, cujo léxico deixa transparecer um mundo ‘exótico’ de habitantes primitivos e de fauna e flora específicos. Assim: “no encanto pelo pitoresco ia transparecendo os vocábulos de origem tupi” (PINTO, 1988. p. 30).
- Pinto (1988) aponta o poema épico ***Caramuru*** (que relata o descobrimento da Bahia e conta a história de Diogo Álvares Correia, um náufrago português que viveu entre os Tupinambás. Foi escrito pelo Frei José Santa Rita Durão, que nasceu em Minas, em 1722) no qual diz ser visível a ***simplificação da frase, a preponderância da ordem direta e a queda de ‘tom’*** (referente à leitura do texto poético), que deixa de ser declamatório, sem perder a expressividade.
- Ainda, no século XVIII, Teyssier (2004 p. 93) aponta os seguintes fatores históricos relacionados ao português do Brasil:
 - (i) o português é falado pelos colonos de origem portuguesa,
 - (ii) as populações de origem indígena, africana ou mestiça aprendem o português, mas manejam-no de forma imperfeita,
 - (iii) ao lado do português existe a língua geral, “um tupi simplificado” pelos jesuítas e tornado uma língua comum. No entanto, a Língua Geral entra em decadência no século XVIII, com a sua proibição, no âmbito das reformas implementadas pelo Marquês de Pombal, em 3 de maio de 1757.

3.1. A variedade brasileira e o estatuto de ‘língua literária’

- No **século XIX** se acentuam as diferenças entre as variantes portuguesa e brasileira com a independência do Brasil, em 1822, e, mais tarde, com a vinda de grandes contingentes de imigrantes

européus, a partir da década de 1870. A literatura desse período tem o léxico marcado por **expressões populares, regionalismos, indianismos, africanismos e neologismos**. Teyssier (2004) assinala que é no **Romantismo** que os escritores brasileiros instauram uma certa originalidade e autenticidade, sem romper com o português europeu.

- No **século XX** ocorre o grande movimento de reivindicação do **uso de marcas do português oral na literatura**. É com o movimento de vanguarda Modernismo que a questão da língua toma um novo vigor. Para Teissier (2004, p. 112), o **Modernismo** representa para o Brasil uma mutação cultural e artística fundamental, recusando a tradição e os preconceitos, com expressão em todas as áreas, artística, cultural e literária.
- Os modernistas rebelam-se contra a gramática tradicional e querem escrever numa língua que se aproxime da **fala brasileira**, utilizando as marcas da **oralidade**. A língua literária do Brasil do século XX caracteriza uma ruptura em relação à tradição literária luso-brasileira e representa uma tomada de posição relativamente aos valores do século.
- Contribuem para a afirmação da oralidade o **cinema**, o **rádio**, as **histórias em quadrinhos** e a **televisão**. No léxico, a neologia (iniciada no Romantismo por José de Alencar) é enriquecida por Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Cassiano Ricardo, Guimarães Rosa, Jorge Amado, Lima Barreto etc.
- A '**norma literária**' introduzida a partir do Modernismo, com os traços da oralidade na obra dos escritores mais conhecidos, marca a intenção de conferir à variante brasileira de língua portuguesa o estatuto de língua literária.
- Com a 'liberdade' alcançada face à vanguarda modernista, as produções escritas pelas novas gerações de escritores brasileiros não mais se confundem com as de um autor português. A 'norma literária brasileira' firmou-se mediante adição de certos traços típicos da oralidade. Os textos midiáticos, de modo geral, também assumem essa nova 'norma brasileira'.
- As variedades **PB** e **PVB** têm um papel importante quanto à afir-

mação de um português brasileiro em oposição ao português falado em Portugal (PE). O desenvolvimento dessa temática se dá nas Universidades, principalmente, nos últimos anos do século XX, inicialmente dentro do quadro dos estudos sociolinguísticos.

- No entanto, a prescrição gramatical nem sempre está de acordo com os usos literários e jornalísticos. Por outro lado, não se deve confundir a norma padrão ou língua padrão com a '**norma culta**' falada brasileira, em que, por exemplo, o uso categórico da próclise inicial absoluta é prescrito nas gramáticas normativas.
4. Os primeiros estudos sobre o português brasileiro e a consolidação do PB nas academias
- Noll (2008, p. 174) atribui a Domingos Borges de Barros, o visconde de Pedra Branca, diplomata brasileiro em Paris, a primeira descrição do português brasileiro. Esse estudo foi publicado pelo geógrafo francês Balbi em *Introduction à l'atlas ethnographique du globe* em (1826), cuja publicação se refere a um tratado sobre o benefício do ensino de línguas e sobre a sua classificação.
 - Nas décadas seguintes somam-se os estudos da crescente filologia brasileira. Nesse campo destacam-se os nomes de filólogos consagrados, como: **Serafim da Silva Neto, Silveira Bueno, Antenor Nascentes, Silvio Elia, Gladstone Chaves de Melo**, entre outros.
 - A partir da década de 60 do século XX, a tradição filológica instalada nos Cursos de Letras, começa a dar lugar a uma nova tendência iniciada com a inserção, nas Universidades, dos estudos linguísticos, guiada, sobretudo, pelo viés estruturalista.
 - Merecem destaque alguns projetos coletivos de pesquisa surgidos nessa época: o **Projeto de Estudo da Norma Linguística Culta – NURC** – e, mais tarde, o **Projeto de Gramática do Português Falado – PGPF**.
 - Esses projetos, bastante auspiciosos, mostram dois lados muito interessantes: uniram os linguistas brasileiros naquele período e também iniciou o movimento em prol de mudanças, a intenção de se criar algo novo e de trazer à baila as questões do **português brasileiro como língua 'independente'**.

- Nesse contexto, o português brasileiro assumiu, em vários quadros teóricos, independência relativamente ao português europeu.
- As pesquisas do **NURC** apontaram variações e/ou mudanças significativas na fonologia, na prosódia, na morfologia, e, principalmente, na sintaxe do PB em relação ao PE.
- É importante destacar a participação nesse momento de linguistas brasileiros, alguns deles já falecidos, como **Fernando Tarallo** e **Rosa Virgínia Mattos** e outros em franca produtividade, **Mary Kato**, **Charlotte Galves**, **Ataliba Castilho**, entre muitos outros.
- No campo da sintaxe muitos tópicos entraram para a agenda dos gerativistas (e ainda encontram-se nela), como: **o preenchimento do sujeito, o objeto nulo, a ordem marcada da sentença, generalizações quanto a certos usos pronominais** (o caso do Ihe de segunda pessoa, o padrão de colocação etc), questões referentes ao complemento acusativo e ao dativo e o uso de **complementos pronominais tônicos, o tópico e o sujeito, o uso de SNs nus, a temática da agentividade e impessoalidade em construções transitivas, as construções causativas** etc., etc., são itens que apontam, de fato, em direção a uma unicidade do português brasileiro.
- De tudo isso, nasciam os pressupostos que iriam identificar a generalização do termo PB existente nos dias atuais e, normalmente, utilizada como representante da variedade de português falada no Brasil, face às faladas em Portugal e demais países de língua portuguesa.
- No entanto, é importante frisar que, mesmo no Brasil, não é desejável que a sigla PB seja universal. Aliás, a sigla PB é ambígua pois tanto pode representar o português brasileiro standard da modalidade escrita formal ou menos formal (com variação relativamente ao PE escrito), quanto pode, também, querer representar a variedade falada pelos brasileiros, também identificada na literatura como PVB.

4.1. Questão ainda não resolvida: as hipóteses sobre a história do PB

- (i) a hipótese que defende o **contato linguístico** como uma das principais causas relacionadas a sua a variação relativamente ao PE .

- (ii) a hipótese da **deriva secular** advoga que os traços do português brasileiro contemporâneo já eram atestados no português trazido pela colônia no sec. XVI. Essa hipótese é defendida por linguistas como Anthony Naro e Marta Schere (1993, 2007).

5. O PB e questões contemporâneas: o PB monolítico

- As variedades PB e PVB têm um papel importante quanto à afirmação de um português brasileiro em oposição ao português europeu.
- Por trás das questões do português brasileiro não ser tratado de forma monolítica estão **situações de contato, movimentos emigratórios e migratórios, a história social, e a origem étnica das populações locais tradicionais. Os substratos linguísticos das línguas ameríndias, as Línguas Gerais, assim como o substrato das línguas transplantadas de diferentes grupos linguísticos africanos.** Enfim, uma teia de relações estabelecidas por meio do contato linguístico.
- Em 2010 o Brasil aprovou a Lei INDL, Decreto Lei que reconhece as variedades de imigrantes, dos povos transplantados e dos indígenas, enfim, das minorias linguísticas que são faladas no país, como oficiais.
- Muitas variedades estigmatizadas faladas em comunidades quilombolas ou indígenas não encontram abrigo dentro da sigla **PB**, relativamente ao quesito variedade falada por pessoas com maior escolaridade, nem dentro da sigla **PVB**, grosso modo, variedade popular, falada por pessoas com escolaridade baixa, nas áreas rurais ou nas periferias das cidades etc.
- **Voltando à Pergunta:**
- A consolidação e extensão do termo PB como representativo da fala dos brasileiros (em oposição aos portugueses) pode, de fato, representar da **escrita e da fala** dos brasileiros?
- Talvez, para o português escrito essa asserção seja, em parte, verdadeira, no entanto, é importante lembrar que as gramáticas publicadas recentemente (como as de **Castilho (2010), Perini (2010) e Bagno (2011)** servem como contra-argumento a esse

questionamento, pois nelas, muitas prescrições de usos considerados ‘errados’ passam a ser ‘aceitos’ ou ganham status já que são contemplados em gramáticas que descrevem a fala dos brasileiros.

- Há muitas questões a se considerar e, muitas delas, a sociolinguística têm lançado luzes. O parâmetro escolaridade é tomado como a ‘fronteira’ que delimita o PB, variedade culta, falada por pessoas com formação universitária (noção presente nas bases do projeto NURC). Nesse sentido, a expressão PB é fortemente extensiva pois alcança uma extensa generalização ao mesmo tempo que ‘convive’ ao seu lado uma outra variedade de português vernacular ou popular – o PVB.

6. Aspectos distintivos linguísticos e extralinguísticos do PB – alguns exemplos

- (i) implementação de objetos nulos e o aumento da frequência de sujeitos lexicais resultante de uma reorganização do sistema pronominal, perceptíveis na fala tanto de brasileiros com pouca ou nenhuma escolarização, quanto na fala de brasileiros ditos cultos.
- (ii) a simplificação da morfologia verbal estimula a aparição de sujeitos lexicais nas construções oracionais brasileiras. O PB estaria deixando de ser, portanto, uma língua de sujeito nulo, enquanto o PE, não. Essa mudança pode estar ligada ao enrijecimento da ordem SVO, em boa parte das construções oracionais brasileiras.
- (iv) a ordem dos constituintes em sentenças interrogativas em PE, a construção mais comum é:

Onde estuda o Pedro?

- No PB, Segundo Lucchesi & Lobo (1996, p. 311), “a frequência do padrão SV é de mais de 90%”:

Onde o Pedro estuda?

(iii) estratégias de construção de orações relativas (TARALLO, 1983):
Relativa Padrão:

Eu falei com um velho amigo ontem. Ele se mudou para a Bahia.

O amigo [com quem eu falei ontem] se mudou para a Bahia.

a) relativa com pronome lembrete:

Eu tenho uma amiga [que ela é ótima];

O vestido [que eu saí com ele ontem] está sujo (O vestido [com que eu saí]...)

b) relativa cortadora:

O vestido [_ que eu saí ontem] está sujo.

(iv) Topicalização selvagem:

a) outro tipo de jogoi eu não gosto __i.

b) eui, por exemplo, meus vestidosj, quando eui precisava __j, eui escrevia pra mamãe
pra ela mandar __j daqui.

c) bolo de chocolate i eu gosto __ i

6.1. Sobre o uso dos pronomes no PB: um estudo de caso

- **A colocação pronominal no PB.**

- (1) Não há outro motivo, aliás, para muitas das atividades a que se dedicam, dedicaram-se e dedicar-se-ão quaisquer governantes em qualquer tempo e lugar do mundo: fazer discursos, participar de eventos, comparecer a inaugurações das obras que construíram ou não.

(Folha de São Paulo, Opinião, Editoriais, 03.02.14)

Questão:

- No texto, a colocação pronominal faz uso da próclise, da ênclise e até da mesóclise em um único período, com o mesmo verbo. No entanto, o que parece ser traço de texto ‘bem escrito’ em norma padrão e de redação elegante, de acordo com a tradição gramatical (baseada na colocação pronominal lusitana), caracteriza, na verdade, um erro de colocação pronominal, pois no português europeu, o padrão de colocação pronominal clítica é a ênclise, e o complementizador ‘que’ assim como o pivô da oração relativa ‘que’, no caso do exemplo (1), funcionam como operadores de próclise, tornando a colocação proclítica do pronome ‘se’ obrigatória em PE, inclusive na fala.

- No entanto, **a sintaxe do português brasileiro não parece ser sensível à regra de aplicação da próclise – obrigatória – no PE.** Aliás, o excerto (1) serve para comprovar exatamente o contrário: o jornalista (profissional familiarizado com a escrita) no afã de contemplar as regras de colocação pronominal, acaba cometendo hipercorreções por conta da pouca familiaridade que tem com a sintaxe pronominal lusitana (prescrita ainda nas gramáticas e em certos manuais).

Diferenças na sintaxe do PE e do PB fazem com que falantes brasileiros não tenham intuição sobre certos aspectos de colocação pronominal no PE

- em PE, certos advérbios focalizadores/enfatizadores como ‘já’, ‘só’, ‘até’ etc., são **operadores de próclise**, segundo Costa (2008):
 - (2) a. O João só {te telefonou/*telefonou-te} agora.
 - b. O João até {te telefonou/*telefonou-te}.
 - c. O Rui já {me conhece/*conhece-me}.
- Por outro lado, certos advérbios de lugar, como ‘lá’ e ‘cá’, em PE, tanto podem ocorrer em posições pós-verbais quanto formarem locuções adverbiais com colocações pré-verbais bastante estranhas para o falante de PB:
 - (3) a. Já cá estive/ Já estive cá.
 - b. Já lá estive/ Já estive lá.
- A **colocação pronominal**, é um traço que identifica imediatamente o falante brasileiro. Para Pimentel Pinto (1988, p. 32) “a colocação pronominal à brasileira tornou-se ponto fundamental no processo de fixação da nova norma literária”.

O uso de pronomes clíticos no PE:

- Ênclise: é o padrão de colocação nas orações finitas assim como infinitivas encaixadas (cf. Duarte & Matos, 2000):
 - (4) a. Ele viu-**a**
 - b O João pensa vê-**la** mais tarde

- Próclise: será licenciada por um operador (negação, elementos wh, SNs quantificados, elementos focalizados, etc., cf. Duarte & Matos, 2000, p. 117).
 - (5) a. O João não **o** comprou
 - b. Eles disseram que os amigos **lhes** deram os livros
 - c. Que mentira **lhe** contaste?
 - d. Todos os alunos **se** riram
 - e. Até a ele **lhe** contaram mentiras
 - f. O João já **o** comprou
- **MAS** - os quantificadores **algo, alguém, algum, todos** não desencadeiam próclise quando as expressões nominais em que ocorrem são modificadas por orações relativas restritivas com o verbo no subjuntivo. (MARTINS, 2013, p. 2247)
 - (6) a. Algo que possa correr mal *deixá-lo-á inconsolável*.
 - b. *Algo que possa correr mal *o deixará inconsolável*.
 - (7) a. Alguém que {chegue/tenha chegado} tarde *perde-se, com certeza, no meio dessa argumentação*.
 - b. *Alguém que {chegue/tenha chegado} tarde *se perde, com certeza, no meio dessa argumentação*.
- Grupos clíticos

Os *grupos clíticos* ou *locuções clíticas* no PE ocorrem com ‘agrupamento’ de mais de um pronome em uma mesma oração

 - (9) a. vou devolver o livro ao António
 - b. vou devolver-**lho**
 - c. Histórias de lobisomens, *ouvía-se-lhas* vezes sem conta. [se + dat. + ac.]
 - d. *Conta-mas*. [dat. + ac.]
 - e. Os olhos *encheram-se-lhe* de lágrimas. [se + dat.]
 - f. A boca *abriu-se-te* de espanto. [se + dat.]

6.2. No PB os pronomes do caso reto são empregados deliberadamente com função de objeto:

- PB: (1)a. “por isso coloquei ela dentro de uma nuvenzinha” (Bagno, 2007, p. 106)
- b. “É irracional, além de profundamente autoritário e antidemo-

crático, continuar classificando elas de ‘erros a serem evitados’” (Bagno, 2007, p. 157)

- a gramática do PB não tem clíticos de terceira pessoa (Galves, 2001 a partir de análise de dados do NURC)

“A utilização dos pronomes é um aspecto bastante interessante no português brasileiro porque atesta uma das mais significativas mudanças em relação ao português europeu”. (Campos, 2014)

A subcategorização de lhe

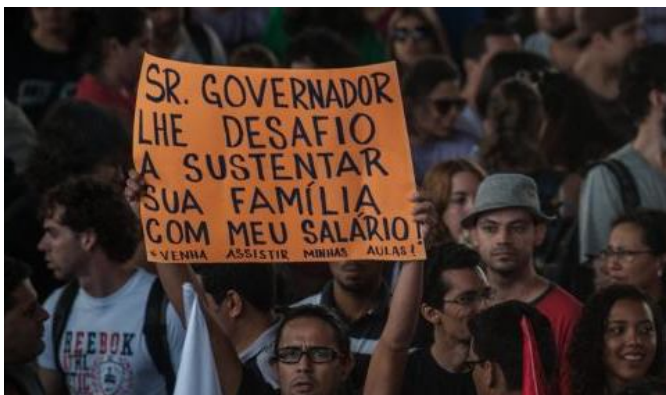


Foto: Marcelo Camargo/ABr (2013): Professores mantêm greve em São Paulo. Portal Bragança. <http://noticias.portalbraganca.com.br/nacional/educacao-professores-da-rede-publica-estadual-de-sao-paulo-decidem-manter-a-greve.php>. Acesso em fevereiro de 2014.

As gramáticas baseadas no uso

<u>Forma reta</u>	<u>Forma oblíqua</u>
<i>eu</i>	<i>me, mim, -migo</i>
<i>você, (tu)</i>	<i>te, (-tigo), (ti), (lhe)</i>
<i>ele, ela</i>	—
<i>nós</i>	<i>nos, -nosco</i>
<i>vocês</i>	—
<i>eles, elas</i>	—
—	<i>se [reflexivo]</i>

PRONOMES PESSOAIS: RETOS E OBLÍQUOS

[As formas entre parênteses são de uso restrito, só sendo correntes em parte do território brasileiro.]

Quadro extraído de Perini (2010, p. 116)

6.3. As formas dependentes (fracas) em português:

- a língua portuguesa criou um paradigma que distingue a 3ª. pessoa da 1ª. e 2ª.
- Na primeira e na segunda pessoas, os clíticos (átonos): **me**, **te**, **nos** e **vos** desempenham as funções acusativa, dativa e reflexiva,
- Na terceira pessoa, há uma especialização
o e flexões para a função acusativa,
lhe e flexão para a função dativa,
se para a função reflexiva.
- O uso dessas formas é referente ao português padrão. Em PB, os clíticos de terceira pessoa na função acusativa (**o**, **a**, **os**, **as**) e dativa (**lhe**, **lhes**) são normalmente empregados na linguagem culta mais formal.
- Para Galves (2001) a gramática do PB não tem clíticos de terceira pessoa (ainda que esses pronomes sejam usados em situações de maior formalidade, eles foram adquiridos tardiamente via escolarização).

6.4. Propriedade morfossintática das formas fortes & Formas fracas

- Os pronomes fortes são descritos como aqueles que se referem à pessoa gramatical das entidades participantes do ato da comunicação (**eu = pessoa; tu = não eu; ele = não pessoa**),
- Os pronomes fracos (não reflexivos) são prototipicamente correspondentes átonos das formas dos pronomes tônicos e ocorrem associados à posição dos complementos dos verbos (**não têm função de sujeito pessoal, somente gramatical**).
- Correlação assimétrica: o uso dos clíticos tanto pode se enquadrar na definição tradicional de pronome pessoal (designando uma das entidades envolvidas no processo de comunicação) **como pode denotar um predicado e não uma entidade**. (cf. Brito, Duarte & Matos, p. 826, 827),
- (3) a. Ele viu-**me** ontem na praia
b. Simpáticos para nós, eles sempre assim **o** foram
- (3a) denota a entidade participante do discurso (a 1ª. pessoa) e (3b) denota uma categoria gramatical, no caso, um predicado).
- As anáforas marcadas por – self / selves permitem que, na língua inglesa, não haja ambiguidades entre elas e as formas pronominais, relação menos transparente nas línguas românicas
- **Pronomes** **Anáforas**
(6) a. Maria_i me_j viu b. Eu_i me_i vi
Maria_i te_j viu Tu_j te_i viste
Maria_i nos_j viu Nós_i nos_i vimos

Mary saw me I saw myself
Mary saw you You saw yourself
Mary saw us We saw ourselves
- Mas as anáforas ligadas em variedades populares do PB, diferentemente do PE, podem apresentar paradigmas cuja forma de 3ª. pessoa se ocorre como *default*, sem oposição quanto ao traço de pessoa:
- (7) a. Eu **se** vi - nós **se** viu
b. Tu **se** viu - você se viu
c. Ele/ela se viu

Mesmo as variedades não estigmatizadas costumam utilizar o *se default* para a 1ª pessoa pl.

Ex.: Onde nós vamos se encontrar mais tarde?

Voltando ao PB...

- As **formas livres pronominais** ou **pronomes fortes** são as formas que ocorrem com maior frequência em todas as variedades de PB

Sujeito	Objeto direto	Complm. oblíquo
Eu canto	A Maria viu eu	A Maria deu pra eu
Tu cantas	A Maria viu tu	A Maria deu pra tu
Ele canta	A Maria viu ele	A Maria deu pra ele
Nós cantamos	A Maria viu nós	A Maria deu pra ele
Vocês cantam	A Maria viu vocês	A Maria deu pra ele
Eles cantam	A Maria viu ele	A Maria deu pra ele

- As formas pronominais fracas (formas dependentes) em PB sobrevivem apenas na 1ª. e 2ª. Pessoas (me, te)
- O uso de pronomes fortes na 1ª. e 2ª. pessoas é bastante estigmatizado, enquanto na 3ª. Não o é.

Referências

- BAGNO, Marcos. (2007). Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. Parábola Editorial: São Paulo
- CAMPOS, Ednalvo A. (2014) A sintaxe pronominal na variedade afro-indígena da comunidade quilombola de Jurussaca: uma contribuição para o quadro da pronominalização do português falado no Brasil. FFLCH/USP. Tese de Doutorado.
- FERGUSON, C. A. (1974). Diglossia. In: FONSECA, Maria S. V.; NEVES, Moema F. (Orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, p. 99-117.
- GALVES, C. (2001a). Clíticos e Concordância em Português. In Galves, C. *Ensaios sobre as gramáticas do português*. Editora da Unicamp. Campinas: São Paulo, p. 125-152.

_____. (2001b). A sintaxe pronominal do português brasileiro e a tipologia dos pronomes. In Galves, C. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Editora da Unicamp. Campinas: São Paulo, p. 153-179.

HOLM, John. (2009). The genesis of the Brazilian Vernacular: Insights from the indigenization of Portuguese in Angola. *PAPIA* 19, p. 93-122.

GOMES, Flávio dos S. (1997) A hidra e os pântanos: quilombos e mocambos no Brasil (sécs.XVII-XIX). *Tese de Doutorado em História*. Unicamp. .

NARO, Anthony & SCHERRE, Marta. (2007). *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola.

NOLL, Volker. (2008). *O Português Brasileiro – formação e contrastes*; traduzido por Viaro, Mário Eduardo. São Paulo: Globo, 2008.

PERINI, Mário A. (2010). *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola.

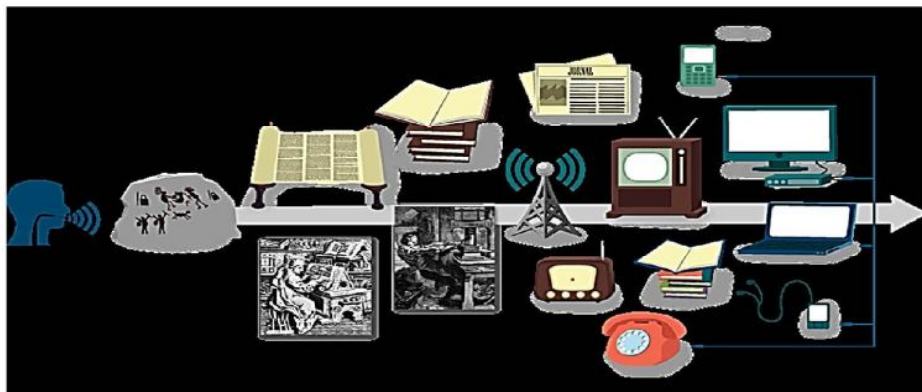
PINTO, Rolando Morel. (1988). *História da Língua Portuguesa IV: século XVIII*. Editora Ática: São Paulo.

Prof^a Dr^a Ayvania Pinto

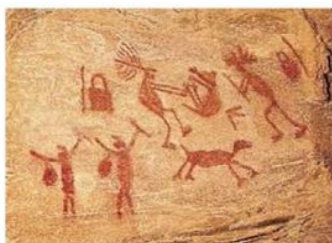


Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa

Transformações tecnológicas



- Ao longo do percurso humano, as diversas culturas desenvolveram escritas e suportes para transmitir e conservar os conhecimentos e informações que julgaram necessárias e relevantes para as gerações seguintes.



A escrita reflete e acompanha a maneira como as sociedades vivem, seus hábitos, tecnologias e peculiaridades

A ideia da água era representada pelos egípcios como uma onda, pelos chineses, por curvinhas que lembravam a correnteza de um rio, e pelos astecas, pela cor azul dentro do desenho de uma vasilha



**hieróglifo
egípcio**



**caractere
antigo
chinês**



**escrita
asteca**

A escrita, assim como as línguas, está em permanente processo de transformação.

FENÍCIO cerca de 900 a.C.	𐤀	𐤁	𐤂	𐤃	𐤄	𐤅	𐤆	𐤇
GREGO ANTIGO cerca de 750 a.C.	Α	Β	Γ	Δ	Ε	Ζ	Η	Θ
ETRUSCO cerca de 650 a.C.	𐌀	𐌁	𐌂	𐌃	𐌄	𐌅	𐌆	𐌇
ROMANO cerca de 500 a.C.	A	B	C	D	E	F	G	H



Em tempos atuais...

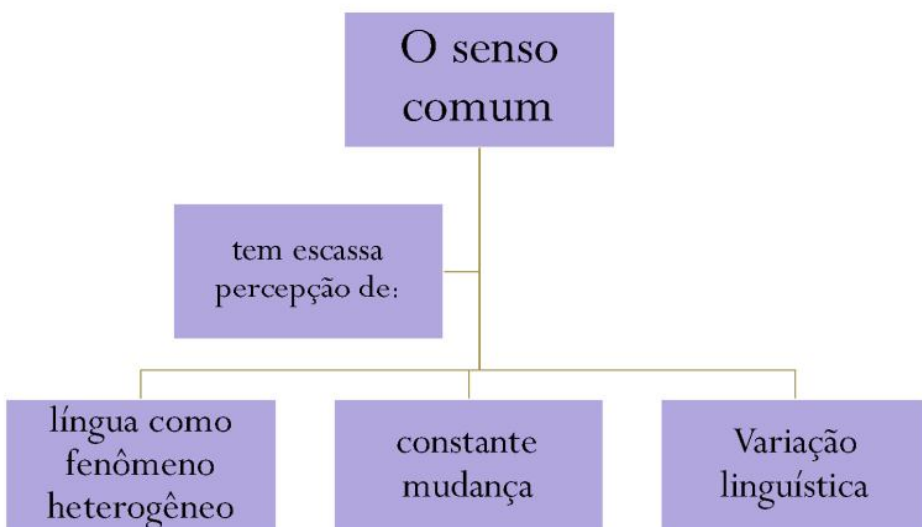
- A rapidez e a demanda da vida contemporânea requer agilidade na escrita;
- Como a utilização dos recursos tecnológicos se tornou uma prática na vida de várias pessoas, a abreviação da escrita nesses espaços virtuais adquiriu uma configuração padronizada;
- A transformação atual da escrita, conhecida como internetês, é um exemplo de adaptação aos novos hábitos e tecnologias

Abreviação	Significado	Emoticon Textual	Significado	Imagem
Abs	Abrços	:D	Risada	😄
Blz	Beleza	:)	Feliz, sorriso	😊
Bjos	Beijos	;))	Piscada	😉
Fds	Fim de Semana	:P	Mostrando a língua	😛
Naum	Não	:~~	Lágrimas	😓
1 ½	Um e-mail	:(	Triste	😞

4 MIL ANOS DEPOIS NÓS VOLTAMOS A FALAR A MESMA LÍNGUA



Quanto ao Ensino de Língua...



Crença pedagógica



Pela oferta de educação, cabe à escola contribuir para melhor redistribuição de renda (valor econômico da educação)



Contudo,

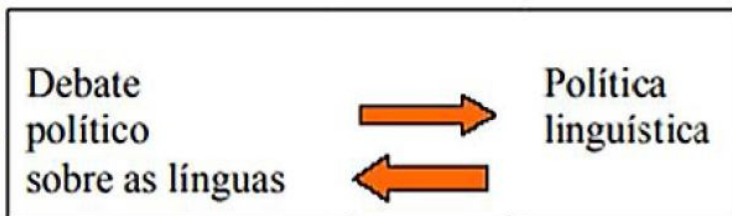
É preciso ver o ensino de língua como experiência sociocognitiva e de acesso às práticas socioculturais onde as linguagens têm papel constitutivo

- A língua continua sendo forte elemento de discriminação social no contexto escolar ou social, acesso ao emprego e aos serviços públicos.

QUESTÕES CRUCIAIS



- Saber como tratar pedagogicamente as muitas possibilidades de uso da língua;
- Integrar a compreensão da heterogeneidade linguística em uma sociedade que não reconhece sua complexidade linguística.
- Redimensionar conceitos alicerçados na busca da compreensão de novas ideias e valores.



CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA



Concepções de linguagem

A linguagem como espelho do pensamento.

Quem vê a linguagem dessa forma acredita que as pessoas que não se expressam bem não o fazem porque não pensam ou não sabem pensar

A linguagem como instrumento de comunicação.

Nessa concepção, a língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras bem específicas para que sirva de instrumento de comunicação de um emissor para um receptor.

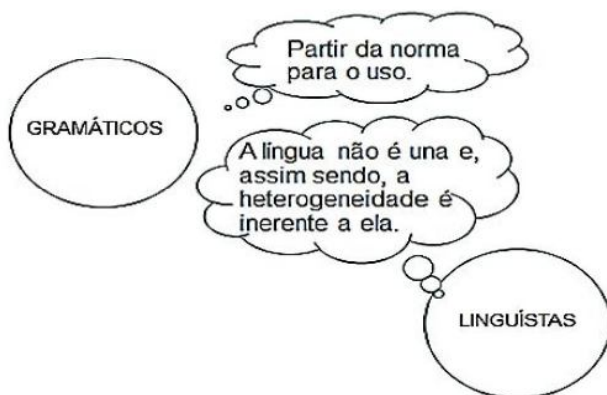
A linguagem como forma ou processo de interação.

A linguagem aqui é vista como um lugar de interação humana: através dela o sujeito pratica ações que não conseguiria praticar a não ser falando; com ela o sujeito, mais do que transmitir informações, age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não pré-existiam antes da fala.

Duas vertentes sobre o ensino de Português

1. Língua como sistema em potencial, conjunto abstrato de signos e de regras, desvinculando da sua condição de realização.
2. Língua como atuação social, enquanto atividade de interação verbal de dois ou mais interlocutores. Sistema de função aplicada em circunstâncias concretas de uso.

CONCEPÇÃO DE LÍNGUA

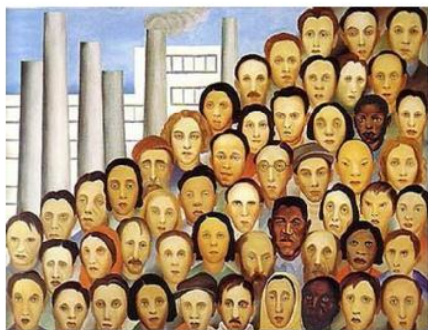


Ensinar língua portuguesa não é...

- Aplicar regras gramaticais normativas;
- Seguir unicamente o livro didático;
- Estudar palavras isoladas unicamente;
- Produzir textos sem função social;
- Estudar apenas a gramática normativa;

Ensinar língua portuguesa é...

- Uso interativo e funcional da língua;
- Práticas sociais da língua materna;
- Conhecimento linguístico: Fonética, fonologia, morfossintaxe, semântica e pragmática;
- Trabalhar diversos gêneros textuais;
- Gosto pela leitura e escrita.



- Habilidades e competências;
- Concepção de ensino e linguagem;
- Processos de aquisição, uso e aprendizagem.

A Educação de Qualidade está intimamente relacionada ao ensino de língua – domínio das práticas socioculturais de leitura, escrita e fala.

- Habilidades;
- Competências;
- Conhecimento linguístico;
- Redimensão de conteúdos e valores;
- Capacidade gerativa de produzir textos orais e/ou escritos.



Aprender a língua é...

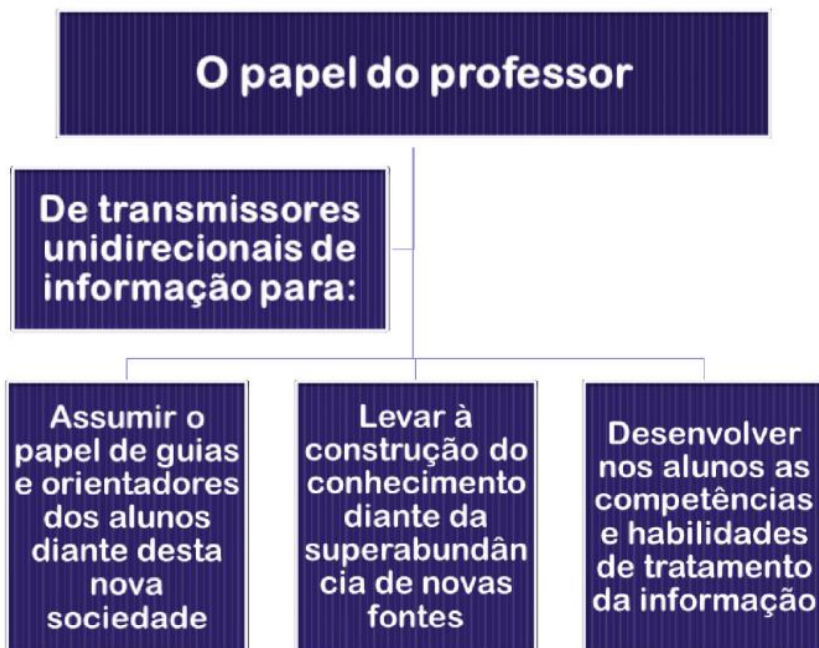
- Adquirir conhecimento das normas de formação dos enunciados da língua.
- Saber regras não significa memorizar termos e nomenclaturas.

Ensinar Gramática...

- “A língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não conhecemos por meio de dicionários ou manuais de gramática, mas graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação efetiva com as pessoas que nos rodeiam” (BAKHTIN)
- A língua não é apenas um instrumento de comunicação, mas também o veículo de uma cultura, uma história e uma identidade

Pensemos:

- “Nenhuma língua morreu por falta de gramáticos. Algumas estagnaram por ausência de escritores. Nenhuma sobreviveu sem povo.” (Milôr, 1994 apud Antunes,2006)



Desafios



Formação de professores;

- Investimentos em recursos didáticos e tecnológicos;
- Atualização da visão pedagógica em relação ao processo ensino/aprendizagem;
- Transformar as instituições de ensino em ambientes mais humanizados, colaborativos e participativos;

Desafios



Reconhecer o papel da escola e dos professores na formação de sujeitos capazes de se posicionar de modo crítico e criativo frente às profundas transformações que essa nova era de tecnologia nos desafia



Desafios



Produção
Multimeios

Baseado na ilustração do Professor Eric Siqueira disponível em <http://goo.gl/CeZtU>

Referência

ALVES-PINTO, Ayvania. CENÁRIO DA EDUCAÇÃO NO PARÁ: uma proposta para formação de professores em contexto digital. 1. ed. Belém-PA, 2016.

BRAIT, Beth. Bakhtin - Conceitos-Chave, (org.), Ed. Contexto

ZILIES, A. M. S., FARACO, C. A., Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2015.

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003 – (Série Aula; 1).

BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. Língua materna, variação e ensino. São Paulo: Parábola, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e Interação. São Paulo: Cortez, 2003.

<http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2017/08/o-que-voce-precisa-saber-sobre-pos-graduacao-no-brasil.html>

<http://portal.mec.gov.br/>

<http://educacaointegral.org.br/glossario/politicas-publicas/>

<http://seducdigital.pa.gov.br/>

<http://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-cai-em-ranking-mundial-de-educacao-em-ciencias-leitura-e-matematica.ghtml>

<http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=12879838>

Profª Drª Socorro Cardoso



Variações Linguísticas

1. **O QUE É LINGUAGEM?** Capacidade de se comunicar por meio de um CÓDIGO. CÓDIGO: conjunto de sinais utilizados para passar uma determinada mensagem.
2. **LINGUAGEM VERBAL.** Aquela que utiliza a língua (oral ou escrita), que manifesta-se por meio das PALAVRAS . “ Batatinha quando nasce esparrama pelo chão. Mamãezinha quando dorme põe a mão no coração.”
3. **LINGUAGEM NÃO-VERBAL.** Aquela que utiliza qualquer código que não seja a palavra: pintura, dança, música, gesto, mímica etc .
4. **LINGUAGEM MISTA**

5. **VARIEDADE LINGUÍSTICA.** Em um único sistema linguístico podemos encontrar variações no que se refere ao modo como ele é utilizado pelos falantes. É isso que caracteriza as variações linguísticas .
6. **TIPOS DE VARIEDADES:**
 - 1 - os dialetos - ocorrem em função das pessoas que usam a língua, ou seja, dos emissores. (regional, social, idade, sexo, geração, função);
 - 2 - os registros - ocorrem em função do uso que se faz da língua, da mensagem, da situação. (grau de formalismo).
7. **VARIAÇÕES DIALETAIS**
 - **IDADE:** Dois bons filhos, de Paulo Mendes Campos. Outro dia um senhor de cinquenta anos me falava da mãe dele mais ou menos assim: - Se há alguém que eu adoro neste mundo é minha mãezinha. Ela vai fazer 73 anos no dia 19 de maio. Está forte, graças a Deus e muito lúcida. Há 41 anos que está viúva, papai, coitado, faleceu muito moço, com uma espinha de peixe atravessada no esôfago: pois não há dia em que mãezinha não se lembre dele com um amor tão bonito, com um respeito...
8. Deu-se que no mesmo dia encontrei um rapaz de dezoito anos, que me contou mais ou menos assim: - Velha bacaninha é a minha. Quando ela está meio adernada, mais pra lá do que pra cá, ela ainda me dá uma broncazinha. Bronca de mãe não pega, meu chapa. Eu manjo ela todinha: lá em casa só tem bronca quando ela encheu a cara demais. A velha toma pra valer! Ou então foi um troço em que eu não meto a cara. Que é que eu tenho com a vida da velha? Pensa que eu me manco. Quando ela tá de bronca, o titio aqui já sabe: taco-lhe três equanil. É batata. Daí a pouco ela fica macia e vai soltando o tutu...

8. Deu-se que no mesmo dia encontrei um rapaz de dezoito anos, que me contou mais ou menos assim: - Velha bacaninha é a minha. Quando ela está meio adernada, mais pra lá do que pra cá, ela ainda me dá uma broncazinha. Bronca de mãe não pega, meu chapa. Eu manjo ela todinha: lá em casa só tem bronca quando ela encheu a cara demais. A velha toma pra valer! Ou então foi um troço em que eu não meto a cara. Que é que eu tenho com a vida da velha? Pensa que eu me manco. Quando ela tá de bronca, o titio aqui já sabe: taco-lhe três equanil. É batata. Daí a pouco ela fica macia e vai soltando o tutu...
9. **SEXO:** Homem: - Cara, preciso te contar o que aconteceu ontem na festa... Mulher: - Ai, menino! Preciso te contar o que aconteceu ontem na festa... Homem: - Comprei uma camisa legal. Mulher: - Comprei uma blusinha linda!
10. **REGIÃO:** Dentro do próprio Brasil: Mandioca, aipim, macaxeira. Entre Brasil e Portugal: “ (...) numa revista portuguesa, vê-se um anúncio de um refrigerante, mundialmente conhecido (...) Ao lado da famosa marca, a única frase da peça publicitária: “A vida sabe bem”. Que se entende disso? Em português e em outras línguas latinas, o verbo “saber” (que vem do latim “sapere”, que significa justamente “ter sabor”) pode ser usado com a idéia de “ter gosto”, “ter saber” (...) Esse uso é vivíssimo no italiano, no espanhol, no português de Portugal. No do Brasil, parece que se restringiu aos textos literários.” Pasquale Cipro Neto: “A vida sabe bem”. Revista Cult, nº 56.
11. **GERAÇÃO, ÉPOCA:** “ Exmo. Sr. Unicamente a necessidade me sugeriu a publicação deste punhado de rimas (...) Eu e minha esposa, moça igualmente enferma, desde que entramos no hospital, há quasi dois annos que, por exclusiva injustiça, estamos privados das quotas dos donativos feitos pela caridade aos que, como nós, vieram esconder seu infortúnio sob o tecto hospitalar. E nem roupa nem um lençol recebemos do estabelecimento estipendiado pela municipalidade, cujo prefeito Dr. Miguel Penteado não se dignou prestar attenção às minhas queixas. Resumindo, somos vítimas de vezano pouco caso pelo direito dos fracos (...)” Firmo Anônio. Argueiros, 1924.
12. **SÓCIO-ECONÔMICA: VÁRIAS IDÉIAS FERRÉZ** Acordou cedo, gritou: “Zica maldita!”. Rapaz, o vocabulário do tranca-ruas é ziquizira. “Rapaz, num vacila de madrugada, entendeu?” “Entendi, os P.M. sobe o gás. Então vamos sumariar. Quantos de nós cê quer matar? Grota, gran-

ja, boca, biqueira, movimento, verme, milho a vida inteira. Mil grau, frenético, qual que é a urucubaca? Que cê faz se não tiver que voltar para casa? Quem te deu um sorriso hoje, pique pá alguém de longe (...) Muitos sofre, eta que sofre, mas poucos lembra. Povo gado, voto mal dado, fila quilométrica para encher prato de deputado. Picha os muro, xinga os putos, mete a boca, depois cheira dentro da goma. (...) Caros Amigos nº 89.

13. **FUNÇÃO:** Plural majestático: “ Nós queremos que o povo dessa cidade se sinta seguro. Por isso reforçaremos nossa polícia para que possa dar maior segurança aos cidadãos.”

14. **VARIAÇÕES DE REGISTRO**

A) Senhora Diretora, Sr. Vice-Presidente, Dignos Convidados, Estimados e Distintos Colegas da nobre Profissão de Ensinar. Considero uma honra e um privilégio ter sido convidado a vir diante de vós nesta ocasião, um convite que aceitei com o mais profundo prazer e gratidão. É meu propósito, estando aqui esta noite, repartir convosco um pouco das experiências que tenho vivido na minha função de enriquecer os conhecimentos das novas gerações, daqueles que continuarão quando já estiver chegado ao fim o nosso tempo neste mundo. Espero e creio que estas experiências não serão desprovidas de interesse para aqueles que estarão, entre vós, trabalhando na mesma vinha, pois juntos conseguiremos a mais rica colheita.

B) Senhoras e Senhores: Estou realmente feliz por ter sido convidado pelo vosso Vice-Presidente, Senhor Horácio Foladori, para vos falar, esta noite, sobre o tema “Da Variação Múltipla do Registro no Ensino de Inglês”. Espero ser capaz de apresentar umas idéias que deverão ser tanto sugestivas quanto relevantes para vossas tarefas como professores de Inglês.

C) Boa noite, amigos: O Senhor Foladori pediu-me para falar a vocês, esta noite sobre um assunto tão amplo como o Ensino de Inglês. Espero ser capaz de dizer umas poucas coisas que serão de algum interesse para vocês e que talvez possam ajudá-los a serem professores mais eficientes.

D) Ei pessoal: Horácio pediu-me que viesse aqui e falasse a vocês todos a respeito de como ensinar Inglês. Disse-me que poderia tocar em qualquer dos aspectos que quisesse, desde que eu não me tornasse muito técnico, pois ao contrário ninguém entenderia uma só palavra que eu dissesse. A) Vá a merda! Cê é um fedaputa! B) Deixe-me em paz! Você é uma pessoa que não merece consideração! A) Na hora da dolorosa, caiu duro. B) Quando a conta foi apresentada, assustou-se.

15. **NORMA PADRÃO E NÃO PADRÃO.** Norma Padrão é um tipo de variação linguística que se caracteriza por seguir as normas estabelecidas de acordo com a gramática normativa . Ela é falada e escrita em situações que exigem formalidade. A não padrão é a variação linguística utilizada em situações informais. É a língua do cotidiano .
16. **DISTINÇÕES ENTRE A NORMA PADRÃO E A NÃO PADRÃO.** Pronúncia ‘descuidada’ de certas palavras. Maior cuidado com a pronúncia. Uso de ‘a gente’ Uso de ‘nós’ Né, aí, pois é...
17. **USO NÃO PADRÃO USO PADRÃO.** Não utilização das marcas de concordância Utilização das marcas de concordância Indevida colocação pronominal segundo a gramática normativa. Devida colocação pronominal segundo a gramática normativa. Repetições. Uso excessivo de gerúndio e estrangeirismos. Uso moderado de gerúndio e estrangeirismos.

. Variações Linguísticas

“A língua faz parte do aparelho comunicativo e estético da sociedade que a própria língua define e individualiza.” (Leonor Buescu)

Variedade Linguística do nosso português

1. Variação e norma
2. Variedades do Português: - Variedades geográficas; - Variedades sócio-culturais; - Variedades situacionais/estilísticas.
3. Empréstimos lingüísticos.
4. **Variação e Norma.** As línguas naturais são sistemas dinâmicos e extremamente sensíveis a fatores como (entre outros) a região geográfica, o sexo, a idade, a classe social dos falantes e o grau de formalidade do contexto.
5. **Variedades do Português**
6. Precisamos estar atentos aos conceitos de “certo” e “errado” no que se refere à língua. O preconceito linguístico inibe os processos comunicativos.
7. Preconceito linguístico Todas as variedades constituem sistemas lingüísticos perfeitamente adequados para a expressão comunicativa e cognitiva dos falantes. O preconceito linguístico é uma forma de discriminação que deve ser enfaticamente combatida.
8. ”Que importa que uns falem mole descansado. Que os cariocas arranhem os erres na garganta. Que os capixabas escancarem as vogais? Que quem tem quinhentos réis meridional vira tostões do Rio pro Norte? Juntos, formamos este assombroso de misérias e grandezas, Brasil, nome de vegetal ...(Mário de Andrade).

9. 2.1 Variedades Geográficas. Variações entre as formas que a língua portuguesa assume nas diferentes regiões em que é falada. Falares regionais/dialetos:
10. Linguagem urbana/rural. (o falar “caipira”)
11. Variantes Regionais expressões Sotaques e típicas de cada região do país. bombacha carta salsicha penal estojo vina farol sinaleiro carteira
12. 2.2 Variedades sócio-culturais Variedades devidas ao falante/grupos culturais:- O jargão;- A gíria.
13. O jargão - Linguagem técnica utilizada por profissionais de uma especialidade em comum. Logo, é empregada por um grupo restrito e, muitas vezes, inacessível a outros falantes da língua. Ex1: Sutura, traqueostomia, cefaléia, prescrição, profilaxia = jargão dos médicos. Ex2: Variações diafásicas, análises diacrônica e sincrônica, metafonía = jargão dos professores de Português.
14. A gíria - Linguagem utilizada, predominantemente, por jovens. Também funciona como um meio de exclusão dos indivíduos externos a esse grupo.
15. 2.3 Variedades situacionais A linguagem varia de acordo com a situação em que ela é empregada.
16. Em situações formais: Uma palestra feita para uma platéia sobre matéria científica; Uma solenidade de formatura; Uma carta endereçada a uma autoridade.
17. Em situações informais: Em uma reunião familiar; Em conversa com colegas e amigos; Em um bate-papo informal.
18. 2.4 Variedades Temporais “ Quando Boorz partiu da abadia, uma voz lhe disse que fosse ao mar, ca Percival o atendia ali. Ele se pertiu ende, assi como o conto já há devisado. E quando chegou a riba do mar, a fre-mosa nave, coberta de um eixamente branco aportou, e Boorz desceu e encomendou-se a Nostro Senhor,e entrou e deixou seu cavalo fora. E tanto que entrou, viu que a nave se partiu tam toste de riba, como se voasse. E catou pela nave e nom viu rem, que a noite era mui escura; e acostou-se ao bordo e rogou a Nostro Senhor que a guiasse tal lugar u sua alma podesse salber”.
- (Trecho da Demanda do santo Graal, traduzido para o português do séc. XIII)

19. Variantes de Época telephone deposito domestico es-criptorio villa unico
20. 3. Empréstimos Linguísticos - O empréstimo linguístico ocorre quando uma língua integra uma palavra existente em outra língua, sendo que a palavra não sofre grandes alterações e mantém o mesmo sentido. As palavras tomadas como empréstimo são igualmente denominadas empréstimos.
21. Exemplos de Empréstimos Linguísticos INFLUÊNCIA EXEMPLOS DE ESTRANGEIRISMOS Alemão gás, níquel. Árabe algodão(al-qu Tun); Dialeto africanos Acarajé, dendê, fubá, quilombo, moleque, caçula... Espanhol bolero, castanhola...Francês paletó, boné, matinê, abat-jour (abajur), bâton (batim), cabaret (cabaré), maiô...Inglês show, software, hamburger, deletar...Italiano macarrão, piano, soneto, bandido, ária, camarim, partitura, lasanha...Tupi nomes de animais e plantas: tatu, arara, jibóia, caju, maracujá... Nomes de lugares: Ipanema, Copacabana... Nomes de pessoas: Ubirajara, Iracema..
22. Palavras de origem estrangeira, o uso de palavras de origem estrangeira em português é denominado estrangeirismo: galicismo do francês, anglicismo do inglês, latinismo do latim, etc. Tal uso é considerado de mau tom por certos eruditos da língua; no entanto, tal posição não reflete a dinâmica da formação do próprio português, que tal como todas as outras línguas europeias, teve a sua origem e continua hoje a transformar-se com a mistura e o contato entre diversas línguas.
23. Língua Falada x Língua Escrita. As diferenças entre os dois códigos não podem ser ignoradas por quem se dispõe a se comunicar de forma satisfatória. O domínio da língua falada, aparentemente mais fácil, ganha complexidade quando se trata do emprego da variedade formal: é necessário aprender o registro da língua falada mais adequado a situações de formalidade. O uso do código escrito, entretanto, é o que costuma produzir maiores obstáculos.
24. Variações de Estilo. Estilo formal - apresenta grau de reflexão sobre o que diz. É na linguagem escrita, em geral, que o grau de formalidade é mais tenso. “O que está acontecendo com os políticos é uma fragmentação dos objetivos sociais... ou seja ... eles perdem a noção do todo e se concentram nas partes relevantes. Estilo informal (ou coloquial) – se fala sem preocupação, o grau de reflexão é mínimo. É na linguagem oral , íntima e familiar que esse estilo melhor se manifesta. “ ...

Tem dias que minha voz não sai... Tá assim meio taquara rachada...”

25. Modalidades de uso ou registro linguístico: Modalidade Tipo Registro Formal Comum; Sofisticado. Registro Informal Descontraído; coloquial; Ultradontraído.
26. Para não esquecer: A língua é a identidade de um povo. Preserve-a!
 1. Como nosso país é muito grande e desigual, com Estados grandes e pequenos, ricos e pobres, com gente vivendo no litoral, na floresta, nas grandes cidades, em povoados ou na roça, é natural que a língua portuguesa sofra variações, a que chamamos variedades linguísticas.
 3. Além das variações resultantes de localização geográfica, uma língua também pode apresentar variações decorrentes de outros fatores, como idade, profissão, grau de escolaridade.
 4. Variedades linguísticas são as variações que uma língua apresenta em razão das condições sociais, culturais e regionais nas quais é utilizada.
 5. • A língua está sempre em mudança, em renovação. • Em todo o mundo há especialistas que registram, estudam e sistematizam, dando origem à norma-padrão.
 6. • Essa norma-padrão é a que está registrada nos dicionários e nos livros de gramática. • A norma-padrão é um modelo caso precise usar o português de modo mais formal.
 7. Há momentos descontraídos, em que ela não é necessária, mas há momentos em que ela é obrigatória. • Dada a importância da norma-padrão, a escola se propõe ensiná-la a todas as crianças e jovens do país, preparando-os para ingressar na vida social.
 8. Variedades linguísticas prestigiadas (As que mais se aproximam da norma-padrão, por isso são prestigiadas socialmente.)- Variedades linguísticas urbanas, faladas nas grandes cidades por pessoas escolarizadas e de renda mais alta.
 9. Variedades linguísticas menos prestigiadas (Frequentemente aqueles que as falam são vítimas de preconceito.)- Variedades faladas em lugares distantes dos grandes centros, ou faladas por pessoas analfabetas ou de baixa escolaridade, ou por pessoas mais pobres.
 10. Norma-padrão é uma referência, uma espécie de modelo ou de “lei” que normatiza o uso da língua, falada ou escrita. Variedades urbanas de prestígio, também conhecidas como norma culta, são as variedades empregadas pelos falantes urbanos, mais escolarizados e de renda mais alta.

11. Do ponto de vista linguístico, não existe uma variedade linguística melhor ou mais correta do que outra. • Mesmo que uma variedade seja bastante diferente da norma-padrão, ela será boa se permitir aos seus falantes se comunicar e interagir entre si de modo eficiente.
14. Todas as variedades linguísticas têm seu valor e sua importância. Mas saber usar bem uma língua significa saber empregar a variedade linguística mais adequada a cada situação.
15. Diferenças de lugar ou região. Escolaridade e classe social. Diferenças históricas. Oralidade e escrita. Formalidade e informalidade. A gíria
16. Diferenças de lugar ou região
17. Escolaridade e classe social
18. Diferenças históricas. Chora, menina, chora Nesses versos, há Chora porque não tem duas palavras que Vintém. caíram em desuso: Menina que está na vintém e toleirona. roda Vintém é uma antiga Parece uma toleirona, moeda de pouco Bobona. valor, e toleirona é pessoa tola, (Domínio Público) bobalhona.
19. Oralidade e escrita. Em princípio, a língua oral é mais espontânea do que a língua escrita. Na língua oral são comuns, por exemplo, tá?, entendeu?, hum..., etc. Já a língua escrita é mais monitorada, pois temos condições de escolher bem as palavras.
20. Contudo, essas diferenças entre oralidade e escrita têm diminuído bastante, principalmente nos dias de hoje. 1º. Hoje a maior parte dos brasileiros sabe ler e escrever e, quanto mais uma pessoa lê, mais ela tende a empregar formas da língua escrita quando está falando em situações formais.
21. 2º. Com o uso da internet, as fronteiras entre o oral e o escrito têm se enfraquecido, já que os textos de e-mails, orkut, twitter e facebook, embora sejam escritos, aproximam-se bastante da fala.
22. Formalidade e informalidade
23. A gíria Grupos sociais que usam na fala certas palavras e expressões que lhe são próprias.

Prof^a M. Fabíola Baraúna



Conteúdos Contemplados

CONTEÚDOS CONTEMPLADOS

Letras – Português (Bacharelado)

- I. Concepções de língua e de linguagem nas diversas teorias linguísticas;
- II. Níveis de análise da língua;
- III. Formação histórica da Língua Portuguesa;
- IV. Gêneros discursivos e tipologias textuais;
- V. Variação Linguística;
- VI. Aspectos distintivos, linguísticos e extralinguísticos do Português do Brasil;
- VII. Língua oral e escrita.

Letras – Português (Licenciatura):

- VIII. Ensino aprendizagem da língua portuguesa;
- IX. Processos de letramento.

1. Concepções de língua e de linguagem nas diversas teorias linguísticas

• Até a déc. 70:

Linguagem como Expressão de pensamento

- Tradição gramatical grega
- Tradução e decodificação
- Pautada apenas na norma culta: conhecer língua significava dominar a gramática da língua: sua história e suas normas
- Não considera os contextos de uso. A função da língua, então, é exteriorizar um pensamento.

1. Concepções de língua e de linguagem nas diversas teorias linguísticas

Após a déc. 70:

- Linguagem como Instrumento de comunicação
- Modalidade oral ganha espaço
- Estudo dos gêneros e tipos textuais como instrumentos de transmissão de mensagem
- Transmissão de mensagem de um emissor a um receptor.
- Teoria da comunicação e funções da linguagem fundamentaram a produção de um modelo de ensino de Língua Portuguesa
- Linguagem como código. O estudo da língua, apesar de propostas de inovações, ainda tende ao ensino gramatical, embora a leitura e a produção textual já sejam trabalhadas na escola, ao lado dos elementos da teoria da comunicação.

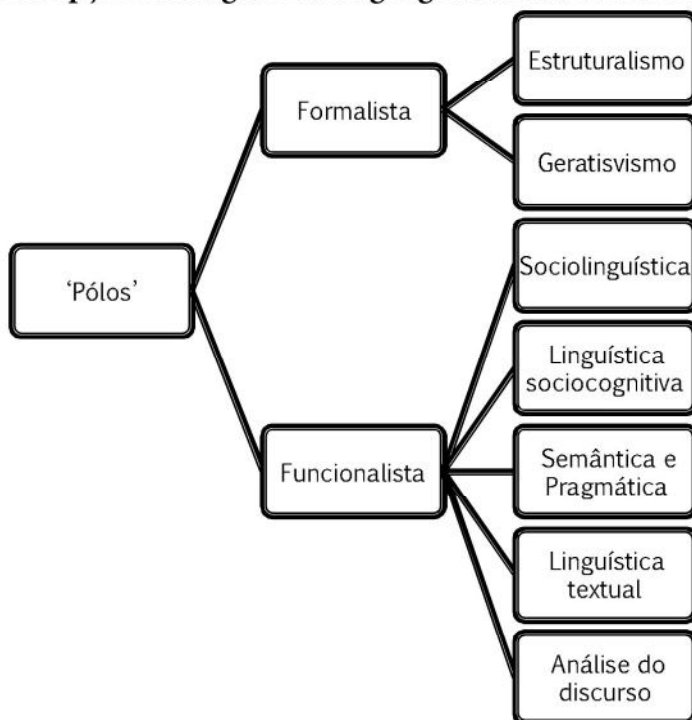
1. Concepções de língua e de linguagem nas diversas teorias linguísticas

A partir dos anos 80:

- Interacionismo linguístico
- Linguagem como forma de interação
- Uma ação orientada para uma finalidade específica (...) que se realiza nas práticas sociais existentes, nos diferentes grupos sociais, nos distintos momentos da história
- **Teoria enunciativo-discursiva: a partir da concepção de Bakhtin, o discurso é entendido como uma prática social, uma forma de interação.**
- A língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida

- Considera a relação interpessoal, o contexto de produção dos textos, as diferentes situações de comunicação, os gêneros, a interpretação e a intenção de quem o produz.

I. Concepções de língua e de linguagem nas diversas teorias linguísticas



FORMALISMO LINGÜÍSTICO

- Estudo da forma linguística;
- Compreende a língua nela mesma, focando em suas propriedades internas;
- A língua é vista como um objeto descontextualizado;
- Língua enquanto sistema autônomo: fonética, fonologia, morfologia e sintaxe;
- Correntes teóricas: Estruturalismo e Gerativismo.

Estruturalismo: concepções de língua e linguagem

Principais figuras:



Ferdinand de Saussure (Europa)

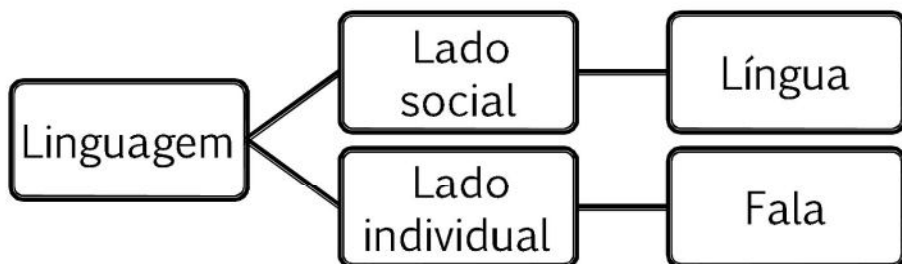


Leonard Bloomfield (EUA)

- Linguagem como um sistema articulado e o que regula o funcionamento das unidades que compõem o sistema linguístico são as normas internalizadas desde cedo

Estruturalismo: concepções de língua e linguagem

A linguagem é heteróclita e multifacetada: abrange vários domínios (é física, psicológica e psíquica) e pertence ao individual e ao social (não há como inferir sua unidade).



Dicotomias saussureanas: língua e fala, sincronia (estado da língua) e diacronia (evolução da língua), significado e significante (signo linguístico), arbitrário e motivado, paradigma e sintagma (linguagem articulada).

Estruturalismo: concepções de língua e linguagem

- Língua enquanto estrutura ou sistema fechado;
- Língua é um sistema de signos linguísticos;
- É a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo;
- Estudo imanente da língua: deve ser estudada em si mesma e por si mesma;
- Aspectos extralinguísticos são abandonados;
- Língua é analisada a partir de suas relações internas.

Gerativismo: concepções de língua e linguagem

- Principal representante:



Noam Chomsky

- A teoria gerativista centraliza seus estudos no conhecimento linguístico armazenado na mente do falante, a partir de uma gramática universal (GU).
- Gerativismo: concepções de língua e linguagem
- A linguagem é um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos.
- Linguagem enquanto conjunto de princípios inatos (GU) referentes à estrutura gramatical da língua.
- Criatividade do uso da linguagem.
- Competência linguística: capacidade, conhecimento inconsciente que o falante possui da língua.
- Desempenho linguístico: é o uso do conhecimento linguístico pelo falante, ou seja, é o comportamento linguístico do falante.



Estruturalismo e Gerativismo: Dois lados da mesma moeda

Mentalismo chomskyniano
(Línguas analisadas a partir de
uma faculdade mental,
criatividade)

x

Behaviorismo (materialismo)
bloomfieldiano;
(Línguas analisadas como um
comportamento socialmente
condicionado)

Aspectos comuns às línguas (GU)
(Gerativismo)

x

Diversidade estrutural das línguas
(Estruturalismo)

FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO

- Relação entre estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas;
- Linguagem como instrumento de interação social;
- Caracteriza-se por duas propostas básicas:
 - a) A língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si;
 - b) As funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico;
- A língua uma adaptação pelo falante às diferentes situações comunicativas, vai além da estrutura gramatical.

Sociolinguística: concepções de língua e linguagem

Principais figuras:



Antoine Meillet



William Labov

- Tem como objeto de estudo a estrutura e a evolução da linguagem no seio do contexto social formado pela comunidade linguística. Verifica de que modo fatores de natureza linguística e extralinguística estão correlacionados aos usos de variantes nos diferentes níveis da gramática de uma língua.

Sociolinguística: concepções de língua e linguagem

- Língua e linguagem são fatos sociais;
- A língua é um sistema inerentemente variável;
- A língua está sempre sendo recriada, é algo por refazer, nunca está pronta;
- Não é a língua propriamente o objeto de estudo, mas a comunidade social em seu aspecto linguístico;
- A língua é considerada a partir de sua variação, evolução e mudança, que refletem atitudes e comportamentos linguísticos;

Linguística cognitiva ou sociocognitiva: concepções de língua e linguagem

- Enfatiza a importância do contexto nos processos de significação e o aspecto social da cognição humana;
- A linguagem não constitui um componente autônomo da mente, como o era para os gerativistas;
- Há uma relação sistemática entre linguagem, pensamento e experiência;
- A linguagem é vista como uma forma de ação, enquadrando-nos nos milhares de papéis sociais que compõem nossa vida.

Análise do discurso

- Definição inicial - AD: “o estudo linguístico das condições de produção de um enunciado”, se apoia sobre conceitos e métodos da linguística.
- Considera o quadro das instituições em que o discurso é produzido, as quais delimitam fortemente a enunciação;
- Os embates históricos, sociais etc. que se cristalizam no discurso;
- O espaço próprio que cada discurso configura para si mesmo no interior de um interdiscurso.

Análise do discurso: origens, definição e objeto teórico

- Dois conceitos tornam-se nucleares: o de ideologia e o de discurso. As vertentes que vão influenciar a corrente francesa da AD são do lado da ideologia, os conceitos de Althusser e, do lado do discurso, as ideias de Foucault.

• Principais figuras para a fundação da AD:

Jean Dubois: linguista, lexicólogo envolvido com os empreendimentos da Linguística.

Michel Pêcheux: filósofo envolvido com os debates em torno do marxismo, da psicanálise, da epistemologia.



Partilham convicções sobre a luta de

classes, a história e o movimento social.

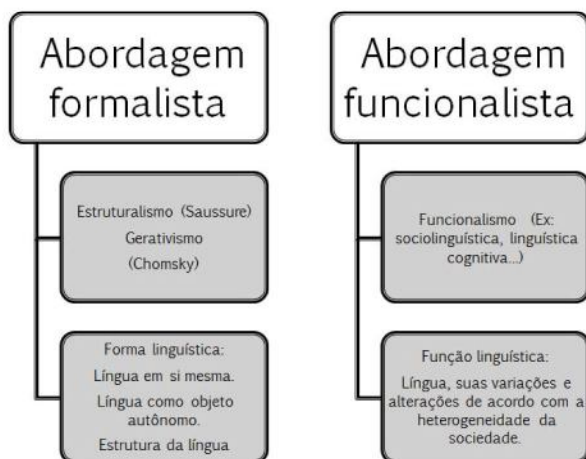
Análise do discurso: origens, definição e objeto teórico

- A linguagem passa a ser um fenômeno que deve ser estudado não só em relação ao seu sistema interno, mas também enquanto formação ideológica, que se manifesta através de uma competência socioideológica: uma prática discursiva não pode se explicar senão em função de uma dupla competência:

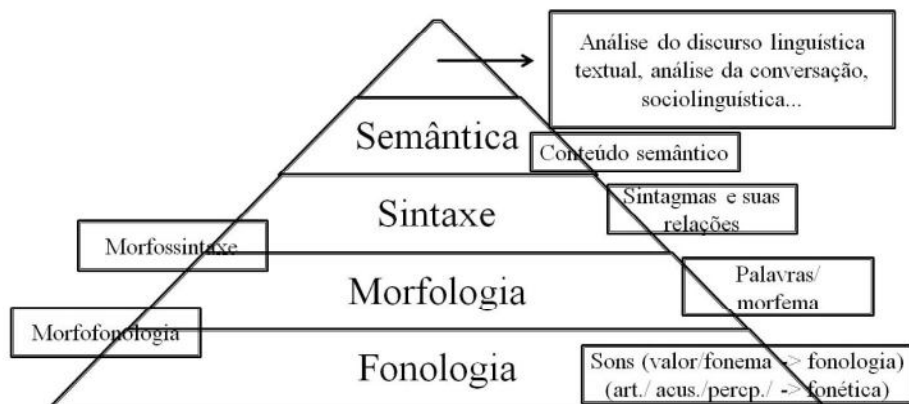
Competência específica: sistema interiorizado de regras especificamente linguísticas e que asseguram a produção e a compreensão de frases sempre novas — o indivíduo, eu utilizando essas regras de maneira específica (performance);

Competência ideológica ou geral: que torna implicitamente possível a totalidade das ações e das significações novas. (Slakta, 1971, p. 110)

Concepções de língua e linguagem: abordagem formalista e abordagem funcionalista



II. Níveis de análise da língua;



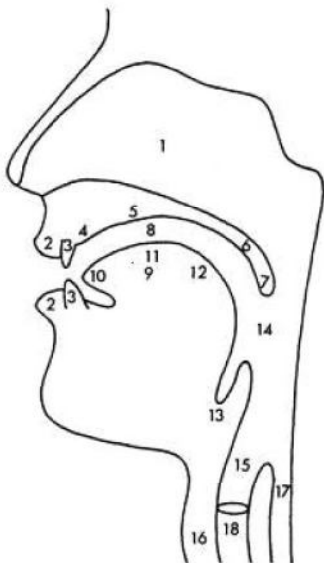
FONÉTICA

- Visa descrever os sons da fala, preocupando-se com sua produção, recepção e percepção. Representação :[]

Fonética articulatória – estuda a maneira como os sons são produzidos e articulados, ou seja, a parte fisiológica, os movimentos do aparelho fonador envolvidos na produção de sons;

Fonética acústica – estuda como os sons são transmitidos, isto é, suas propriedades físicas (acústicas) de como os sons se propagam pelo ar;

Fonética perceptual ou auditiva – estuda a maneira como os sons são percebidos pelo ouvinte.



- (1) Cavidade Nasal
- (2) Lábios
- (3) Dentes
- (4) Alvéolos
- (5) Palato Duro
- (6) Vél Palatino
- (7) Úvula
- (8) Cavidade Bucal
- (9) Língua
- (10) Ápice
- (11) Dorso
- (12) Raiz
- (13) Epiglote
- (14) Faringe
- (15) Traqueia
- (16) Laringe
- (17) Esófago
- (18) Cordas Vocais



THE INTERNATIONAL PHONETIC ALPHABET (2005)

CONSONANTS (PULMONIC)

	LABIAL	LABIO-dental	Dental	Palato-alveolar	Palatal	Velar	Uvular	Pharyngeal	Epiglottal
Nasal	m	ɱ		n	ɲ	ŋ	ɴ		ʕ
Plosive	p b	ɸ β	t d		tʃ dʒ	k ɡ	q ɢ		
Fricative	ɸ β	f v	θ ð s z	ʃ ʒ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	ħ ʕ
Approximant		ʋ	ɹ		ɹ	ɰ			
Trill	ʙ		r				ʀ		
Tap, flap		ɹ̥							
Lateral			ɬ ɮ		ɬ ɮ				
Lateral approximant			l		ʎ				
lateral flap			j		ɰ	ɰ			

Where symbols appear in pairs, the one to the right represents a modally voiced consonant, except for murmured *h*. Stashed areas denote articulations judged to be impossible.

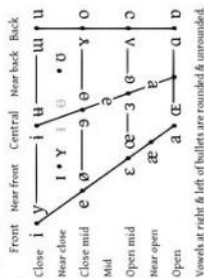
CONSONANTS (NON-PULMONIC)

Anterior click releases (require posterior stops)	Voiced implosives	Effectives
◦ Bilabial fricative	b	* Examples
◦ Laminal alveolar fricative ("dental")	d	p Bilabial
◦ Apical (post)alveolar fricative ("dental")	f	t Dental or alveolar
◦ Alveolar ("retroflex") fricative	g	k Velar
◦ Laminal postalveolar fricative ("palatal")	ç	s Alveolar fricative
◦ Labiodental ("labial") fricative		
◦ Labiodental ("labial") fricative		

CONSONANTS (CO-ARTICULATED)

M Voiceless labialized velar approximant
W Voiced labialized velar approximant
ɥ Voiced labialized palatal approximant
ɕ Voiceless palatalized postalveolar (alveolo-palatal) fricative
ʑ Voiced palatalized postalveolar (alveolo-palatal) fricative
ɬ Simultaneous *x* and *f* (disputed)
ʈʂ Affricates and double articulations may be joined by a tie bar

VOWELS



SUPRASEGMENTALS



TONE

[illegible]

DIACRITICS

Diacritics may be placed above a symbol with a descender, as *ɣ̣*. Other *ma* symbols may appear as diacritics to represent phonetic detail: *p̚* (fricative release), *b̤* (breathy voice), *a̤* (glottal onset), *o̤* (epenthetic schwa), *o̤* (diphthongization).

[illegible]

FONOLOGIA

- Busca identificar o valor dos sons em uma língua, ou seja, sua função linguística. Representação: / /
- Ocupa-se das unidades fônicas que determinam a diferença de significados de uma palavra em relação a outra, ou seja, dos fonemas.
- Fonemas: unidades mínimas de traços fônicos distintivos.

Ex:[pata], [bata], [kata], [data], [ʃata], [lata], [nata], [mata]

- Identificação dos fonemas:

Par mínimo: [mar] x [par] / [vɛla] x [vɛʎa]

Par análogo: [ɔɾʊ] x [koɾʊ]

- Alofones em distribuição complementar: [t] [tʃia]

[tia]

- Alofones em variação livre: [r] [gwardə]

[gwaɾdə]

MORFOLOGIA

- O estudo da estrutura e formação das “palavras” e das maneiras como essa estrutura reflete sua relação com outras palavras.
- Morfema: “forma recorrente (com significado) que não pode ser analisada em formas recorrentes (significativas) menores”

Alomorfes: conjunto de morfes que representa um mesmo morfema;

Casa —————> casas

Bar —————> bares

Pastel —————> pasteis

Morfema de plural

MORFOLOGIA

Processos morfológicos:

- Adição de morfemas

Sufixação: livro —————> livro-s casa —————> cas-eiro

Prefixação: ler —————> re-ler certo —————> in-certo

Infixos: rkenŋ ‘esticado’ —————> rmkenŋ ‘esticar’ (Kmu)

Circunfixos: /u...es/ ‘muito’ —————> /u-lamaz-es-i/ ‘muito bonito’

- Reduplicação: lapun ‘velho’ — lapunpun ‘muito velho’
- Subtração: orfão —————> orfã campeão —————> xcampeã

SINTAXE

- Possui como foco de análise linguística os sintagmas, sua composição e estruturação em unidades maiores.
- Sintagma: constituinte menor do que uma oração e composto de uma ou mais palavras.
- Tipos de sintagmas: sintagma nominal (SN), sintagma adverbial (SAdv), sintagma verbal (SV), sintagma adjetival (SAdj)
- Relacionam-se às funções sintáticas (sujeito, objeto direto...) e às funções semânticas (agente, paciente, localizando, fonte...)



Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCHS